

A Rosa Perdida

Serdar Ozkan

Título original: The Missing Rose

Tradução de Susana Serrão

Copyright © 2006 by Serdar Ozkan. Publicado por acordo com o autor, c/o

BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, Nova Iorque, EUA.

Nota do Autor:

Agradeço à minha família e a todos os que fizeram parte do longo processo de dar vida a *A Rosa Perdida*.

Um especial agradecimento ao meu editor e a Danny Baror, agente extraordinário, por me tornarem possível partilhar *A Rosa Perdida* com leitores em todo o mundo. Também desejo agradecer a todos os leitores, pois são eles que, no fundo, transformam tinta em significado. A história não existe nas páginas, mas existe no coração do leitor. Assim, os leitores são sempre convidados a partilhar a sua *Rosa Perdida* comigo.

E, finalmente, um infinito obrigado à minha mulher, Ursula. Sem ela a rosa perdida nunca teria sido encontrada.

Serdar Ozkan — Istambul, 2006

SerdarOzkan@serdarozkan.info

www.serdarozkan.com

Dedicatória

Ao meu afectuoso pai, Oktay Ozkan, que tanto me encorajou a concretizar os meus sonhos

E

A todas as rosas verdadeiras...

Oh Rosa, estás doente:

O verme invisível

Que voa de noite,

Na tormenta uivante,

Achou o teu leito de júbilo carmesim;

E o seu secreto amor negro

A tua vida destrói

William Blake

Deves entrar num jardim

Deves andar por ele

Deves cheirar uma rosa fresca

Uma rosa que nunca murche...

Yunus Emre

Prólogo

Éfeso! Cidade dúplice. Cidade do Templo de Artemisa e da Casa Santa de Mãe Maria. A cidade que corporiza o ego e a alma. O epítome da vaidade e da humildade. A personificação da escravidão e da liberdade. Éfeso! A cidade

onde os opostos se entrelaçam. A cidade que é tão humana como qualquer ser vivo.

Numa noite de Outubro, eles estavam sentados à beira do rio Meles, junto a essa cidade — a antiga cidade de Éfeso. O Sol estava quase a esconder-se por detrás do monte Bulbul, tingido de carmesim pelos seus raios. Os que falavam a língua dos céus tinham trazido as boas novas da chuva iminente.

— São Paulo está a pregar ao povo sobre a Mãe Maria— disse a jovem. — Ouves a multidão aos gritos, a protestar e a amaldiçoá-lo com a raiva? São aos milhares os que se rebelam contra a nova religião que os proíbe de adorarem a sua deusa. Ouve como batem com os pés e clamam, «Não queremos Maria! Adoramos Artemisa!»

— Artemisa? — perguntou o jovem. — A deusa? A Diana dos Romanos?

— Esquece-a — disse a jovem. — Não passa de uma ilusão, moldada e adorada pelos outros.

— Parece que sabes muito acerca dela.

— Conheço-a como me conheço a mim mesma.

— Então, não me queres falar sobre ela?

— É a deusa da caça — começou a jovem. — Uma genuína caçadora que usa o arco para dar morte súbita ao inimigo. Livre mas escravizada, dependente mas orgulhosa. Apoiada numa oliveira, a mãe dela, Leto, deu-a à luz e...

Depois de respirar fundo, a jovem acrescentou

— E à sua gémea...

Parte Um

1

Duas são uma...

Uma só. Sim, claro! Claro que só há uma garrafa.

Não, não é verdade... Vejo duas garrafas.

Mas talvez esteja a ver a dobrar, talvez possa ser só uma garrafa...

Não, não estou assim tão bêbada, não vejo nada a dobrar. Deve haver mesmo duas garrafas.

Sim, muito bem, há duas garrafas. Mas porquê duas?

Oh, Deus, parecem exactamente iguais. Tamanho, forma, cor, são exactamente iguais, até o raio da data de produção é a mesma. Sim, são... São garrafas gémeas!

Mas como? Como é que uma garrafa pode ser duas, de repente? Como foi isto?

E porquê?

Não é justo...

Numa das maiores casas da cidade, alcandorada num monte com vista para a baía, passara-se a mesma cena quase todas as noites naquele mês, e agora passava-se outra vez. Afundada nas almofadas do sofá negro, no canto mais estreito da enorme sala, Diana estava deitada, com as garrafas de vinho, a tentar perceber como é que a vida dera uma reviravolta tão repentina.

Esta noite, como qualquer outra noite, as coisas que ela reprimira durante o dia tinham-lhe saído do corpo para se sentarem em cima dela como um monte de tijolos. Tinha o corpo tão entorpecido como em qualquer das outras noites; o cabelo castanho estava tão desalinhado como os olhos estavam raiados de sangue. Aqueles olhos raiados olhavam das duas garrafas na mesinha para a fotografia da mãe na lareira, e faziam o percurso de volta.

A única diferença aparente das outras noites era o lume que ela ateara especialmente para queimar as duas cartas. As sombras das labaredas que dançavam no rosto de Diana, naquela noite amena de Maio, avivavam o fogo dentro dela.

Bebeu o último gole do copo de vinho que tinha na mão e deixou-o cair no chão. Antes de ganhar forças para chegar à segunda garrafa, olhou por momentos para aquela que tinha acabado naquele momento.

— Sabes — disse ela para a garrafa — és tal e qual como eu; mesmo acabada, ainda estás de pé sem vergonha nenhuma. — Fez um sorriso torto. — Bem, somos deusas, não somos? O que é que nos pode derrubar?

Depois virou-se para a segunda garrafa.

— Quanto a ti, sua ladra de mães! — exclamou. — A mãe diz que tu e eu somos gêmeas. Mas, para mim, não és nada, não passas de uma ilusão.

Diana levantou-se das almofadas do sofá e debruçou-se sobre a mesinha, mas, em vez de agarrar na garrafa, pegou na carta da mãe que estava ao lado dela. A carta que, em poucos minutos, transformara uma garrafa em duas.

A mãe dera-lha um mês antes, um dia antes de falecer. Dissera a Diana que só a abrisse depois de ela morrer, e salientou:

— É o meu ultimo desejo, querida. Promete-me que o vais cumprir.

Diana perguntara à mãe o que queria que ela fizesse, mas não a mãe não respondera. Em vez disso, fixara os olhos azuis profundos em Diana e esperara pacientemente pela promessa da filha. Era como se aqueles olhos nunca cedessem; por fim, já sem poder aguentar o olhar suplicante da mãe, Diana dera-lhe a sua palavra.

Ao ouvir isto, os olhos da mãe resplandeceram com o brilho de outrora e o rosto pálido pareceu ganhar vida um momento. Pegou na mão de Diana e disse:

— Sabia que podia contar contigo, querida. Olha por ela, olha por ela com cuidado. É única.

Inclinando-se para a mãe, Diana perguntara:

— Ela? Ela quem? De quem falas, mãe? — Mas a sua pergunta ficara sem resposta, até à partida da mãe no dia seguinte.

Quando Diana abria e lera a carta, sentira o chão fugir-lhe debaixo dos pés. Deixara-se cair de joelhos lentamente, lera a carta uma e outra vez, sentindo as forças a fugirem-lhe.

Desde então, pouco tinha mudado.

Antes de deitar a carta da mãe ao fogo, Diana leu-a uma última vez:

1 de Abril

Querida Diana,

Espero que estejas bem, minha querida. Tens de cuidar de ti. Nunca debes pensar que me perdeste. Sei que não é fácil, mas peço-te que tentes...

Não te esqueças de me dizer como estás de vez em quando. Escreve qualquer coisa para mim no teu diário, fala para a minha foto, escreve-me histórias...

Diz-me assim que souberes quando é a tua cerimónia de licenciatura. E não desistas dos teus passeios nocturnos. Vais às aulas, não vais? Tens notícias das candidaturas a empregos? Acima de tudo, conta-me assim que começares a escrever histórias lindíssimas, como as que costumavas fazer. Quem sabe, talvez em breve até poderás dar-me a alegre notícia de que decidiste finalmente ser escritora.

O que se passa, minha querida, o que é que te impede de perseguires o teu maior sonho? Bom, como sempre, a escolha é tua. Eu só quero a tua felicidade.

Falo da tua felicidade, Diana, mas o que tenho para te dizer nesta carta poderá causar-te algum desespero. Quero que saibas que não é minha intenção, mas receio não ter escolha. Perdoa-me...

Gostaria muito de falar sobre isto contigo cara a cara, mas, como podes ver pela letra, já não tenho forças para te confrontar com esta notícia nem para te contar os pormenores. Só peço a Deus que me ajude a chegar ao fim desta carta.

Nem sei bem por onde começar...

E, se soubesse, não o conseguiria. Porque, para começar, tenho de voltar atrás 24 anos, ao dia em que fizeste um ano de idade, o dia em que viste o teu pai pela última vez.

Diana... A verdade é que o teu pai não morreu, minha querida. Mas deixou-nos. E deixou-nos levando com ele a tua irmã gémea, Maria...

Para que não sofresses como eu sofri e crescesses a sentir-te abandonada pelo teu pai, deixei que pensasses que ele tinha morrido. Até mandei pôr aquela lápide que, enquanto morávamos em Nova Iorque, tu ias ver todos os meses a pensar que estava lá o teu pai. Seja como for, era como se ele estivesse morto para nós as duas.

Quando nos mudámos para São Francisco, foi como se puséssemos o passado para trás das costas. Nunca contei a ninguém aqui que o teu pai estava vivo nem falei da Maria. Sabia que o teu pai, tendo-nos separado dela, nunca mais no-la deixaria ver. Deve-lhe ter contado uma história parecida com a que te contei.

Deves estar a pensar, e com razão, porque te conto isto agora. Deixa-me explicar...

Há cerca de mês e meio, o teu pai ficou a saber da minha doença por um amigo comum, e deve ter querido isentar-se de culpas, pois deu a minha morada à Maria. Porém, sei que não lhe contou de ti nem da minha doença.

A partir de então, recebi cartas da Maria todas as semanas — num total de quatro, só que nunca traziam remetente. Dizia que estava ansiosa por me visitar. Há uma semana, contudo, recebi esta mensagem dela:

«Mãe, já não aguento passar sem ti. Se não posso juntar-me a ti, a vida não vale a pena. Oh, mãe... só quero matar-me... Maria, 23 de Março».

Tanto quanto pude ver pelas suas cartas, a tua irmã parece ser alguém tão cheio de vida que ainda não acredito que ela escreveu tal coisa. E, dado que tem a minha morada, não compreendo porque não veio ter comigo.

Como se esta mensagem não bastasse, ontem o teu pai telefonou-me. Foi a primeira vez em 24 anos. Assim que lhe ouvi a voz, soube que era para falar da Maria. As primeiras palavras foram: «Sabes onde está a Maria?», e

contou-me que, duas semanas antes, a Maria desaparecera, deixando uma carta de despedida — juntei-a a esta carta; o teu pai mandou-ma ontem por fax. Disse-me que tinham procurado a Maria em toda a parte e que tinham contactado todos os amigos dela, mas nem uma pista do seu paradeiro.

Oh, Diana, com o pouco tempo que me resta, já não posso fazer nada. Tenho tanto medo... És a minha única esperança. Por isso, só me resta pedir-te que encontres a tua gémea e que tomes conta dela.

Lamento muito trazer mais sofrimento à tua mágoa e sobrecarregar-te com esta responsabilidade, mas ainda lamento mais deixar outra filha que passou a vida na esperança de conhecer a mãe.

Sabendo o quanto gostas de mim, não tenho dúvidas de que farás o que puderes para cumprir este meu ultimo desejo. Mas sei que não será fácil encontrar a Maria. Não há pistas nenhuma do seu paradeiro. A nossa esperança é que ela tenha deixado nas suas cartas para mim uma porta entreaberta para o mundo extraordinário que criou para si. É um mundo profundo e secreto que só se encontra em contos de fadas; mas, ao mesmo tempo, parece tão verdadeiro. Tenho a certeza de que nem sequer o partilhou com o pai ou com amigos íntimos, e por isso acho que tu, mais do que ninguém, tens hipótese de a encontrar.

Gostaria que mergulhasses no mundo da Maria e seguisses as pegadas que ela deixou. Afinal, quem melhor do que a irmã gémea para conseguir fazer isto?

As únicas informações que temos são os três nomes que Maria deixou nas cartas, «Zeynep» e «Sócrates», juntamente com o nome de um palácio. Estes nomes podem não bastar para a encontrar, mas, infelizmente, é só o que temos.

As cartas da Maria estão na arca antiga.
Encontrarás a chave no meu guarda-jóias.

Diana, espero que tu e a Maria se possam juntar em breve, tal como outrora estavam comigo.

E quando isso acontecer, escreve-me, por favor...

Diana, minha querida, não é altura de dizer adeus. Nunca o é. Não te esqueças, eu estou sempre contigo. E amo-te muito.

A tua mãe